

A literatura gaúcha pelas beiradas

Marcelo Backes

A literatura do Rio Grande do Sul – e essa é uma de suas marcas! – poucas vezes assumiu a proa no barco da literatura nacional. Pelas bandas da linguagem, caracterizou-se sempre pelo conservadorismo; no aspecto temático, distinguiu-se pela abordagem social ou histórica, de quando em vez psicológica, mas sempre marcada pelo modelão realista-causal. É fato, ponto final... E fato de tamanho histórico!

Nos últimos anos até foram feitas algumas experiências de linguagem, sobretudo no romance. A maior parte dessas experiências, no entanto, ainda que ousadas na forma, não chegaram à realização artística no que diz respeito ao conteúdo. Trocando em miúdos, elas se particularizaram por transformar o enredo num apêndice da linguagem, desmontando a estrutura épica do romance. O exemplo mais cabal desse fenômeno? *Assim na terra*, de Luiz Sérgio Metz, vigoroso na linguagem – o que não é pouco, e merece um caminhão de elogios –, mas um tanto frouxo no enredo. De modo que a literatura contemporânea do Rio Grande do Sul – e já estamos na segunda peculiaridade – caracteriza-se pelo fato de suas obras ou terem um enredo bem elaborado e uma linguagem apenas comum, ou terem uma linguagem vigorosa e um enredo claudicante.

Por outro lado – e especulando um terceiro aspecto identificativo – a literatura do Rio Grande do Sul sempre se gabou de sua auto-suficiência e poucas vezes fez questão – realmente – de atravessar suas fronteiras geográficas. Tanto em termos editoriais, quanto em termos comerciais, experimentais e conteudísticos.

Às ourelas do estabelecimento – *establishment*, para quem cultivava mais as línguas de Inglaterra que a portuguesa –, porém, algumas obras (sobretudo romances) chegaram lá, atingindo alto nível de realização artística.

Vá lá, pois: a literatura gaúcha pelas beiradas.¹

O busílis desta é, portanto, meter o bedelho onde ninguém mete, falar dos que ninguém fala, alguns deles esquecidos até nos últimos – e extensivos – debates sobre a literatura gaúcha. Eles fazem a literatura gaúcha pelas beiradas: pelas beiradas editoriais, midiáticas e geográficas. Vai um fundo de possibilidade determinada historicamente na qualidade desses autores – seja dito! – uma vez que, de certa forma, eles se apartam do estabelecimento literário do Rio Grande, que se caracteriza pelo conservadorismo, pela pouca afeição à experiência e pela auto-satisfação literária. Essas beiradas por vezes se cruzam, e um autor que atua pelas beiradas editoriais, por vezes o faz também nas geográficas; assim como um que o faz pelas beiradas geográficas fica apartado da atenção da mídia – no que vai, às vezes, uma boa dose de ressentimento umbilical – e assim por diante.

À beira das editoras

No final da década de 80 o IEL (Instituto Estadual do Livro) patrocinou um fenômeno interessante, ao publicar, em pouco tempo, uma série de livros de qualidade na Coleção Nova Literatura. Um deles foi *Rosas do Brasil*, de Sérgio Schaefer.

Ora, *Rosas do Brasil* é um monumento de experimentação lingüística ao parodiar – conseqüentemente – o estilo de Guimarães Rosa, fazendo um “arremedo agauchado” do *Grande Sertão: Veredas*. O enredo, de estrutura picaresca, é bem encadeado e narra as venturas e desventuras de Rodovaldo – o Riobaldo das rodovias –, professor de Literatura Brasileira que um dia descobre Guimarães Rosa e a ele se atira, mergulhando em sua obra. Eis que o professor queima toda sua biblioteca e decide sair em busca do “Rosamundo”, tão diferente do “rasomundo” comum em que vivia, levando consigo a puta Amélia (a Nhorinhá de Riobaldo), o Cego Petrônio (paralelo

¹ “Literatura gaúcha” será usada como sinônimo de “literatura sul-riograndense” nesta matéria.

no Borromeu de Guimarães Rosa) e o vendedor de sorvetes Chico (o pretinho retinto Guirigó) – os dois últimos encontrados já no caminho.

O romance tem o volume físico do romance de Rosa, mas acaba referindo toda a obra do escritor mineiro, inclusive a contística. A chacota é muita, mas também muito bem construída. No romance há um pacto “fáustico”² – é a dimensão universal da obra – à brasileira, que acontece ao lado do pau de uma goleira, “pelado”, porque ali onde o goleiro fica a grama não cresce. É divertidíssimo o romance e cultíssimo seu escritor – exibido nas incontáveis notas de rodapé. Vale tanto quanto pesa e muito mais do que a escassa fama lhe concedeu até hoje.

Sérgio Schaefer deu mais uma mostra de sua arte – é verdade que não tão vigorosa, embora ainda mais zombeteira – com a publicação recente de *O gaudério Macunaíma e a Pititinga macia da Brunilde* (Mercado Aberto, 2001). Desta vez a brincadeira foi com Mário de Andrade, seguindo os mesmos moldes picarescos. O vigor lingüístico continua, com trabalhos de aglutinação substantival, justaposição verbal, verbalização de substantivos, reduções e apócopies mui modernas, adjetivações (muito mais) típicas da língua alemã e abrasileiração de vocábulos estrangeiros (tanto do inglês conhecido, quanto do alemão desconhecido). A chacota vai grossa – às vezes é tanta que se esgota em si mesma – e carrega consigo um tantinho de crítica social. Semelhante a Márcio de Souza – para buscar um aparentado brasileiro – no talhe, Sérgio Schaefer é, assim, o único ficcionista gaúcho rematadamente pícaro e burlesco da atualidade.³

Na mesma coleção – e no mesmo ano, em 1989 – apareceram pelo menos duas outras obras bem sucedidas: *O sempre lembrado*, de Ernani Ssó, e *Noturnos do amor e da morte*, de Lourenço Cazarré. Ernani Ssó apresentou-se ao público numa novela tingida de galhofa, de enredo leve, mas bem construído, formalmente redonda e lingüisticamente apurada. Cazarré mostrou com quantos paus se faz um conto, sobretudo através do já clássico “Meia encarnada dura de sangue”, um dos grandes contos escritos no pago. O autor pelotense, que hoje atua pelas beiradas geográficas, em Brasília, continua nas beiradas editoriais, uma vez que publicou seu livro mais recente – *Ilhados* – pelo selo alternativo WS Editor.

O IEL, de sua parte, continua ativo em seu papel de atuar pelas beiradas, publicando obras de qualidade. Em 1997 publicou *Tratado da altura das estrelas*, de Sinval Medina, um dos melhores romances da década lançados no Rio Grande do Sul. Na poesia, no mesmo ano, publicou o mais bem realizado dos livros de Eduardo Dall’Alba, *As vinhas da lira*. Em 2000 lançou Franklin Anagnostopoulos com *A solidão conforme deve ser* e a poesia cerebral – e algo fria – de Eduardo Sterzi e seu *prosa*, além do *Breviário profano*, de Pedro Stiehl, autor de qualidade e larga carreira pelas beiradas. O IEL lançou também *Mães & Sogras*, comédia de Leandro Sarmatz que, pelo gênero (não pela qualidade, que é muita e ácida), dificilmente encontraria publicação numa editora do mercado.⁴ Lançado pelo mesmo IEL (*Olhos de guia*, 1993) e em seguida por WS Editor (*À sombra das tílias*, 1999), Fernando Neubarth, contista, é outro autor – de qualidade – que fez sua carreira pelas beiradas midiáticas e editoriais. Nas mesmas beiradas editoriais – e a qualidade é critério para a menção – apareceu, em 1999, Rosângela de Mello, com o romance *A torta de girassol*. Publicada pela Editora da Universidade, a autora aplica o experimentalismo lingüístico à alma feminina e não se perde no torvelinho do enredo, segurando com mão firme as rédeas épicas da narrativa.

Roberto Velloso Eifler talvez seja o mais singular – em todos os sentidos – entre os escritores da literatura contemporânea do Rio Grande do Sul. Fez sua carreira às margens da mídia – só Luís Augusto Fischer falou e fala dele – e totalmente à beira das editoras, publicando e republicando seu *Os quarenta anos do Doutor Stummer* em edições alternativas. A primeira saiu

² Luiz Sérgio Metz em *Assim na terra* também aborda o “pacto”, seja dito. Constrói um Fausto gaudério – pactário a fim de lograr escrever o seu livro – e faz, aqui no Rio Grande do Sul, o que Guimarães Rosa faz no sertão. Se comparado ao *Grande Sertão: Veredas*, *Assim na terra* é – de incerto jeito – seu seguidor gaúcho, sob todos os aspectos. O personagem de Metz faz o périplo riobaldino e diseca a identidade sul-rio-grandense. Até Goethe é multi-referido e referenciado no romance de Metz, através das bodegas gaúchas de Auerbach, das cozinhas de bruxas e de Mefistófeles gaudérios.

³ O Scliar de *A mulher que escreveu a língua*, por exemplo, também é galhofeiro – e bom, por sinal.

⁴ O IEL, seja dito, tem cumprido à risca seu papel de suprir as deficiências de absorção mostradas pelo mercado. Além da peça referida, publica muita poesia – por exemplo – que é gênero de “beirada” no mercado editorial. É o mesmo fenômeno que explica a atuação – cada vez mais intensa – do selo WS Editor.

por iniciativa própria e nem traz nome de editora; a segunda – do ano de 2000 – pelo selo WS Editor. Respeitando a maneira singular do autor, a obra vem caracterizada, junto ao nome do mesmo autor, como “O Primeiro e Último Romance de Roberto Velloso Eifler”.

Mas que é *dOs quarenta anos do Doutor Stummer?*

O enredo do romance é sólido e calcado num arranjo narrativo peculiar, algo experimental, que deixa de lado a linearidade da épica tradicional, adotando uma feição um tanto esquizofrênica, perfeitamente adequada à crise vivida pelo personagem: a chegada aos quarenta anos, mote e catapulta da narrativa. Ainda assim – e apesar da intencional esquizofrenia formal – o romance jamais abandona a realidade, indo e vindo pelas hastes do triângulo que sustenta a narrativa: o “eu”, a medicina e o mundo da cidade. Eifler vasculha fundo na alma do personagem-narrador, reconhece o poder da nossa memória de réptil, a força do hipotálamo humano e segue o mandado épico antigo e valioso de desvendar o mundo através da vida de um sujeito. No final do romance há uma festa e o mundo dos personagens se reúne no palco da história, esperando o desenlace. Perfeito no aspecto metaliterário, o romance – através do narrador – usa a “festa” para fazer o acerto de contas com os demais personagens, consigo mesmo e com a obra.

A linguagem do romance é apurada. Mais do que isso, inclusive, mostra que o autor entende do riscado, embora esta seja sua única obra. Eifler lida como poucos no uso do *flashback*, por exemplo, e talvez tenha escrito o primeiro romance de uma vertente que gosto de chamar de “hiper-realista”, por se opôr ao virtualismo frio e insosso típico da cotemporaneidade.

À beira da mídia

Um caso interessante de autor às margens da mídia é Flávio Luís Ferrarini. Isolado geograficamente em Flores da Cunha, e editorialmente por lançar sua obra pelas mais diferentes e abstrusas editoras, Ferrarini publica desde a década de 80.

O melhor de sua obra é um livro peculiar, intitulado *A captura das águas* (Massao Ohno, 1996). Singularíssimo na forma, vigorosíssimo na linguagem e sólido no enredo *A captura das águas* é um monumento épico-poético à vida na região de colonização italiana, com sua existência mínima, sua labuta diária e a tragédia repentina da intempérie.

Ferrarini não faz poesia ao léu e sua metáfora – ainda que inusual – é carregada de sentido e caracterizada por uma ingenuidade interiorana plena de lirismo. Os capítulos (de dez linhas, no máximo) são golfadas poéticas, linhas sintéticas que dão conta de fatos do tamanho do mundo. No final de cada capítulo há uma frase de arremate, conceitual em sua exigüidade e poesia, sempre lapidar, quase sempre bem-acabada. Ela apresenta uma filosofia de cor riobaldina, interiorana e profunda na sua ingenuidade. Vide: “Quando o silêncio contamina a raiz, a árvore da família desaba.” Ou: “O ronco é um corte longitudinal no cerne da noite.”

O lugar que abrange a infância do narrador, Paredes (lá também nasceu o autor, o que demonstra o caráter autobiográfico da narrativa), é caracterizado assim: “E os montes ficavam nas pontas dos pés ao redor das casas sentadas entre vacas deitadas.” A vida interiorana é descrita no detalhe: “Os bocejos serviam de remos pra levar a família da cozinha à cama, não obstante o dia tivesse avançado apenas dois dedos no escuro da noite.” Ora, isso é o “dormir com as galinhas” elaborado de maneira poética. A despedida da mãe, quando o narrador vai à cidade morar na pensão de dona Pineta, decidido a “levar a vida longe da enxada”, é pintada assim: “Sua dor estampada no avental foi incapaz de me benzer os olhos.” Atuando pelas beiradas, Ferrarini faz aquela literatura que – foi a estultice quem o murmurou – tem restos de “merda de galinha debaixo das unhas”, mas vale, em sua fertilidade, mais do que mil pás de asfalto citadino.

Outro caso à beira da mídia e semelhante ao de Ferrarini é o de José Carlos Queiroga e seu *Viagem aos mares do sul*. Arraigado à terra, o romance vem do pampa profundo, dialoga com seus próprios botões, invoca e devassa a história de seu próprio umbigo – coisa que sempre foi característica da literatura gaúcha – e faz do mundo uma porção de terra em volta do... Alegrete. Mas a abordagem de Queiroga – em termos não só de postura, mas também de linguagem – é nova.

Viagem aos Mares do Sul narra as experiências dolorosas de um estudante de Veterinária da capital, de volta – é a viagem física – aos mares verdes do sul do Brasil. Enquanto experimenta a vida desolada do interior, o estudante viaja – mentalmente – aos Mares do Sul azuis e geográficos, pensando em gozar do mundo o que o mundo tem de melhor, aquilo que ele jamais teve oportunidade de provar. O romance tem os ingredientes do conflito pessoal e amoroso e a ação paralela de um crime – meio postiza, seja dito – que reflete toda a conveniência e a podridão societária de um mundo em decomposição. A linguagem é voluptuosa e há trechos poéticos inteiros, não deslocados, sempre a respaldar o enredo. A situação decrépita da campanha é desvelada em toda sua intensidade. A pobreza – cultural, social e econômica – impera. Vista por alto, a obra é a mais apurada descrição da situação campeira contemporânea (fala do gaúcho “depois do a pé”), tem enredo e linguagem vigorosos e é universal na abrangência dos temas e nas situações vividas pelo personagem.

Queiroga, o autor, não se apresenta anacrônico, não se afasta do tempo, não proclama simplesmente seu desajuste em relação ao mundo, ou se diz insatisfeito com o rumo que ele vai levando, afetando nostalgia e saudade. Até refere e estuda o passado, o tempo das “vacas gordas” – conotativas e denotativas –, mas apenas no sentido de fazer um diagnóstico mais preciso do presente. A tradição está longe, a lembrança é quase uma impostura, e o personagem que vive o momento sente “saudades de um tempo que (*nem*) não viveu.”

No mais – e o caso é semelhante ao de Eifler, e também ao de Ferrarini – o autor caracteriza-se por um hiper-realismo pululante, quente, não viciado no virtualismo frio do mundo, de que padece grande parte da literatura atual. A obra vive e sente os profundos, mexe na vertente, soqueia nosso estômago e ata um nó em nossa garganta.

Lízia Pessin Adam – embora tenha sido publicada n’*O livro das mulheres*, obra que alcançou repercussão à época do lançamento – talvez seja a escritora mais “beiradista” da literatura gaúcha. Tanto em *A república dos excluídos* (WS Editor, 1999) quanto em *Alfonso e eu* (reedição Mercado Aberto, 2001; antes: IEL), a autora mostra buscar intencionalmente as beiradas – inclusive em termos conteudísticos –, ao lidar apenas com personagens que vivem às margens da sociedade. *Alfonso e eu* – coletânea de contos – é um retrato corrosivo, monstruoso e brutal da realidade do submundo. Embora Lízia inove pouco na forma (ela segue o modelo realista-causal, pontua com precisão, compõe frases curtas, respeitando a ordem direta), compensa na escolha do conteúdo, e choca ao reunir elementos cada vez mais estarrecedores na configuração de seus personagens e da narrativa, até formar um painel há um tempo horrível e cruel. A vida atrás da fachada burguesa é desmascarada em cada detalhe, e o resultado é um “naturalismo purulento”, que transforma o “anormal” em princípio, o “vício” em obrigação. Como o lesbianismo de uma personagem lhe parece pouco, a narradora o junta à necrofilia; como o homossexualismo de outro seria trivial, ela o une ao incesto. Ao final, até mesmo o caráter realista da obra acaba viciado, uma vez que o “anormal” é elevado à categoria de necessidade narrativa. Caio Fernando Abreu disse que Lízia Pessin Adam (ela é Caio levado às últimas conseqüências) era a única autora *punk* “em atividade neste país conservador e careta”. (Ao Rio Grande do Sul, por certo, Caio não quis se referir, afinal de contas não seria necessário tanto impacto para afrontá-lo, conforme ele próprio veio a comprovar.)

No campo da poesia e habitante das beiradas em todos os sentidos – mais ainda do que Lízia Pessin Adam – Marcos Müller lançou, em 1999, *Poemetos diversos*, pela Editora Gente do Livro, selo paralelo da Mercado Aberto. De Marcos Müller ninguém nunca ouviu falar e o autor faz questão de quebrar todos os tabus, tanto os de ordem moral, quanto os de ordem editorial. Financiado pelo Fumproarte, Müller alcança boa elaboração poética com seus versos eminentemente sacrílegos, *übernietzscheanos*, caracterizados por uma mordacidade que não raro é auto-corrosiva, muitas vezes é herege e sempre zaratútrica.

À beira da geografia

Luís Augusto Fischer – que fez, nesta mesma VOX XXI, um painel da literatura dos gaúchos que ficaram no Rio Grande – tem toda a razão do mundo ao chamar a atenção para a importância imensa e repentina que estão dando à literatura gaúcha. O centro do país boquiaberto em relação à última Jornada Literária de Passo Fundo, e ano a ano mais entusiasmado ao tratar da Feira do Livro de Porto Alegre, fornece apenas mais alguns cavacos para animar o fogo sob nossa caldeira. Mas não é só por isso que estamos bem no “estrangeiro”. Os nossos escritores que vivem por lá têm proporcionado uma orgia de prêmios nacionais ao Estado nos últimos anos. Só em Jabutis foi um punhado. Sem pesquisar – e mui por alto – me lembro de Fausto Wolff, Flávio Moreira da Costa e Menalton Braff, o vencedor do Prêmio Jabuti 2000 de Melhor Obra de Ficção.

Mas não é prêmio que determina qualidade. Vivem fora do Rio Grande do Sul alguns de seus melhores autores; autores de obras definitivas no âmbito da literatura gaúcha e até brasileira. Fausto Wolff, com *À mão esquerda*, escreveu um dos grandes romances brasileiros da década de 90. Sinval Medina, com *Tratado da altura das estrelas* – do qual poucos falaram, mas que acabou ganhando o polpudo Prêmio Passo Fundo de Literatura – coiceou a porta da limitação temática e lingüística da literatura gaúcha, escrevendo um romance definitivo. Roberto Bittencourt Martins, ainda na década de 80, publicou um dos romances decisivos da literatura gaúcha com *Ibiamoré, o trem fantasma*.

Que é dessas obras?

À mão esquerda de Fausto Wolff tem quase 600 páginas e, por qualidade épica e lingüística – é raro as duas se aliarem tão bem hoje em dia –, inscreve o nome de Fausto no primeiro time – de futebol sete, que a lista é curta – dos escritores brasileiros. A obra é um dos poucos romances das últimas décadas que pára em pé, tanto física quanto espiritualmente. Abarcando os 300 anos da vida de seu autor, conforme diz Millôr Fernandes, *À mão esquerda* tem floreios narrativos dos mais vigorosos. Vai e volta na vida atribulada e errante de Pérsio, enquanto conta a história dos antepassados próximos e remotos do personagem, ainda mais mirabolantes do que o próprio (por parte da mãe ele descende de Jacobina Maurer, por parte do pai de um príncipe alemão).

Reunindo diversas vozes – elas sempre narram os fatos segundo sua própria visão de mundo, inclusive com as peculiaridades de seu próprio código lingüístico – que se unem para contar a história interior de Pérsio e a exterior do mundo que o viu nascer e crescer, o romance é sumamente polifônico, ainda que os vários narradores brinquem com o estatuto de autoridade do narrador onisciente tradicional. Embora essas vozes sejam capazes de se deslocar a um passado às vezes distante e falar dele como se fosse o presente da narração, também antecipam profeticamente o futuro, assumindo a autoridade de quem conhece os fatos e os sabe irremediáveis. O narrador seguinte sempre esclarece o que era dúbio no anterior e inclusive retoca as inconfiências que ele – por má fé ou chacota – proferiu. O contador de histórias chamado “Narrador” sempre intervém para ordenar, explicar e esclarecer. Funciona como um duplo de Pérsio – autor e personagem principal – numa simbiose metalingüística sumamente bem sucedida. Misto de “fascinante verdade” e “delirante invenção” *À mão esquerda* é, ainda segundo Millôr e “com perdão do Cony, mais-que-memória”. O próprio Carlos Heitor Cony, aliás, disse que Fausto, com uma obra “internacional no modo” e “universal na expressão”, escreveu o romance mais importante de sua geração.

Tratado da altura das estrelas, de Sinval Medina, é um romance de exceção. Em termos cronológicos, o romance abarca o período que vai de 1492 a 1530. Espacialmente, abrange a Espanha, Portugal, Itália, Brasil (até o sul mais remoto), Polinésia, Filipinas, Bornéu etc. O eixo da narrativa é a viagem de Fernão de Magalhães, havida e ocorrida em 1519. O enredo conta as aventuras de João Carvalho – primeiro branco a habitar o Brasil distante, filho de muçulmano albanês com cigana de Granada – e de seu filho Carvalhinho, o primeiro brasileiro, fruto de aventura do citado Carvalho com uma nativa.

O romance é cheio de idas e voltas narrativas, de constituição bem-feita, talvez um pouquíssimo artificiosa – mas ousada e comovente – no final, ao instituir a trama fundante da brasilidade. O estilo é torneado com êxito e pleno de galhofa. O vocabulário é lírico e vigorosamente sulnizado, mas abrangente na medida em que se apropria – de modo assaz poético –

de achados multinacionais. Há ditados populares – bem usados no mais e arrevesados de ironia –, neologismos, arcaísmos, eruditismos e trechos inteiros de assonâncias bem construídas referendando a qualidade lingüística da obra.

Ibiamoré, o trem fantasma – que um dia já foi selecionado entre os dez romances mais importantes da literatura gaúcha e hoje anda esquecido – também não restringe seus apelos históricos à tradição gaúcha, embora faça dela seu mote e pano de fundo. A classificação de “romance gaúcho” – apesar do espaço e do tempo gaúchos; das citações gaúchas – desde logo se mostra insuficiente na medida em que se vê que a obra é diretamente filiada à vertente do realismo mágico, que por um bom tempo vigorou – e às vezes ainda fulgura – na literatura latino-americana. Com uma construção original e bem-acabada, na qual a personagem central da história seguinte sempre sai do que é acessório na história anterior, o romance é composto de vários depoimentos aparentemente independentes, unidos pelo trem fantasma, que é, ao mesmo tempo, elo e foco da narrativa.

Ibiamoré funda seu enredo na lenda de um trem que atravessa o Rio Grande e as regiões próximas do sul platino, aquelas mesmas que são as únicas rigorosamente *gauchas*. Percorrendo o espaço real e metafísico do pampa, a viagem – que representa, ao mesmo tempo, a carreira desabrida, incerta e fantástica da existência humana – é o eixo estrutural de um enredo fascinante e intimamente referido à história da formação do Rio Grande do Sul. O trem é real, representando inclusive, a invasão da modernidade no passado arcaico do Rio Grande; mas é também simbólico – tanto que chega a esboroar mitos locais e referendar mitos universais – e empreende uma viagem que tem partida, mas não tem chegada, indiciando o desatinado caminho da vida humana.

As beiradas e o estabelecimento: confrontação

Se a literatura contemporânea em geral – a do Rio Grande do Sul e a de “fora” também – padece do problema de suas obras terem ou deficiência no enredo ou na linguagem, alguns dos romances “beiradistas” aqui apresentados estão longe disso. Nas beiradas geográficas, *À mão esquerda* e *Tratado da altura das estrelas* são um primor tanto em linguagem quanto em enredo; *Ibiamoré* tem um enredo fascinante e uma linguagem que, se não deslumbra, é, pelo menos, bem talhada. Nas beiradas midiáticas acontece o mesmo com *A captura das águas* e *Viagem aos mares do sul*, ambos vigorosos no enredo e na linguagem; o primeiro deles chega a apresentar, inclusive, um salutar caráter experimentalista na forma, que baila entre a épica e a lírica. Nas beiradas editoriais, *Os quarenta anos do Doutor Stummer* e *Rosas do Brasil* dão o testemunho da prova, mostrando o vigor da literatura gaúcha feita às ourelas.

Se, por outro lado, a tradição da literatura gaúcha em termos de linguagem caracteriza-se pelo conservadorismo, enquanto a temática é basicamente social ou histórica, *A captura das águas*, *Viagem aos mares do sul*, *À mão esquerda*, *Tratado da altura das estrelas* e *Ibiamoré* têm temática basicamente histórica, mas trazem acréscimos significativos de linguagem e uma postura crítica interessante frente ao que é consenso em termos de narrativa: são iconoclastas, não fazem concessões e mergulham na vida borbulhante da história sem ceder ao virtualismo frio e viciado da literatura contemporânea. *Ibiamoré* inova ao trazer para o âmbito da literatura gaúcha a posição de proa que a literatura latino-americana um dia assumiu (o romance foi escrito em 72) e *Tratado...* constitui o trama fundante da brasilidade. *A captura das águas* e *Viagem aos mares do sul* ficam restritos à história gaúcha (o primeiro à da colonização italiana, o segundo à do pampa profundo), mas exploram-na de um jeito novo: formal e lingüisticamente novo.

Se, da mesma forma, a literatura do Rio Grande do Sul sempre se gabou de sua auto-suficiência e fez pouco para atravessar suas fronteiras geográficas através de sua abordagem literária, não é esse o caso dos autores referidos, uma vez que alguns deles chegaram a se mudar daqui até. Sinval Medina e Bittencourt Martins, embora não vivam no Rio Grande do Sul, publicaram o melhor de sua obra por aqui, e o intuito da abrangência neles está mais refletido no modo “novo” de contar suas histórias do que na intenção pessoal propriamente dita. Ferrarini, de sua parte, alcançou mais reconhecimento lá fora do que aqui, ao ser elogiado por José Paulo Paes,

que disse valerem mais os minutos interioranos do autor do que horas inteiras de muito poeta de cidade grande. Fausto Wolff, por sua vez, é – dentre todos os autores – o de intenção mais abrangente. É um cosmopolita em todos os sentidos, literária e factualmente. Embora tematize o interior gaúcho da migração alemã, sua referência é a história nacional – aliás, nenhum autor gaúcho mergulha na história do Brasil contemporâneo tão profundamente quanto ele – se não a mundial. A “aldeia” é usada apenas para desvendar a origem de um personagem absolutamente cosmopolita em sua miséria e em sua grandeza, que viveu o mundo em todas as suas facetas, inclusive geográficas.

Ainda assim sobram bons exemplos de autores que, dentro do estabelecimento, fazem uma obra de alta realização artística. O melhor deles, no romance, é Tabajara Ruas. Lidando quase exclusivamente com a história gaúcha – o tema por excelência da nossa literatura – e mesmo sem grandes arroubos formais e lingüísticos, Tabajara é, dentre os autores gaúchos de fôlego ficcional longo, dos poucos que chega lá. Alguns trechos de *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* atam o – já referido – nó da nossa garganta e soqueiam nosso estômago, coisa que raramente acontece na atual literatura gaúcha e foi, desde sempre, o melhor critério para a análise literária. No conto, há Sergio Faraco e Aldyr Garcia Schlee (que sequer foi mencionado no último debate acerca da literatura gaúcha, feito aqui mesmo na VOX XXI), ambos autores do que de melhor há na narrativa curta do Rio Grande. Esses três autores – três do pampa profundo, do Rio Grande verdadeiramente *gaucho* – são dos poucos que atingem o cerne, alcançam a essência.

A obra de João Gilberto Noll, por outro lado, é uma prova de que atuar pelas beiradas temáticas não é garantia de qualidade. Noll chegou a se tornar “brasileiro” em 1999, ao lançar *Canoas e marolas* pela coleção Plenos Pecados da Editora Objetiva, obra que o alçou à condição de escritor mais vendido do Brasil por algumas semanas. Pois Noll fugiu à tradição regionalista e marcadamente social e histórica da literatura gaúcha para fazer uma literatura de caráter introspectivo, “intimista”, mas não chegou a alcançar realizações artísticas grandiosas. Seguindo a trilha temática e a abordagem literária de Walmir Ayala e Caio Fernando Abreu (este, autor de três ou quatro contos definitivos), Noll – talvez não por coincidência – acabou, assim como seus precursores, saindo do Rio Grande do Sul.

Tateando em busca de uma conclusão

No momento em que tivemos um Patrono da Feira do Livro cuja qualidade é inversamente proporcional ao reconhecimento crítico obtido no Rio Grande do Sul (lembro que Armindo Trevisan também não foi citado no já referido último debate; e lançava seus livros por sua própria editora), as beiradas passam a merecer o foco da atenção. Sobretudo porque Trevisan é autor de pelo menos duas obras definitivas da lírica rio-grandense: *A surpresa de ser*, de 1967 – quando muitos dos poetas em atividade no RS nem haviam nascido –, e *A dança do fogo*, de 1995.

Vá lá, pois.

Analisada pelo estabelecimento, a literatura gaúcha sempre foi essencialmente localista e sofreu excessivamente do mal de revisar a própria história, o que limita, pelo menos em termos de interesse direto e imediato, a abrangência geográfica do público leitor. No mais, a literatura gaúcha jamais se caracterizou por inovações formais e de linguagem. (De exemplos verdadeiramente grandiosos e já classicizados me ocorrem apenas a loucura genial e *nonsense* de Qorpo Santo, Simões Lopes Neto – que criou o mundo em sua literatura de tom marcadamente gauchesco – e Dyonélio Machado, com sua ficção dostoiévskianamente universal). Juntando a isso o fato de a nossa literatura nunca ter se preocupado, por exemplo, com movimentos vanguardistas de qualquer natureza, além de jamais ter se posicionado à proa de qualquer inovação representativa (o que, pelo menos à primeira vista, lhe dá um caráter secundário) e teremos algumas razões – ainda que metafísicas – para a limitada abrangência geográfica da literatura gaúcha, no fundo a maior de suas características.⁵ Autor gaúcho parece escrever, sempre e apenas, para leitor gaúcho.⁶

⁵ As razões editoriais e geográficas (em si) são, por certo, mais significativas que as de linguagem, temática e postura literária, no entanto. É notória a dificuldade que as editoras daqui apresentam na distribuição para o resto do país, definitivamente superada

Interessante é observar que os autores gaúchos que atuam fora do estabelecimento, ou seja, que alcançaram furar alguns desses bloqueios, principalmente os geográficos e lingüísticos, são, junto com aqueles que vivem literariamente no sul mais profundo, dos melhores escritores do Rio Grande do Sul. Por acaso a qualidade de Ferrarini não tem a ver com o fato de ter sido publicado nas beiradas editoriais e ter frutificado longe da mídia, esquecido nos confins de Flores da Cunha, onde estica as cordas da experimentação fechado em seu mundo colono-interiorano? A realização *übernitztischeana* de Marcos Müller não determinou, por acaso, sua publicação por um selo paralelo da Mercado Aberto? A qualidade do romance de Fausto Wolff não está intimamente ligada ao seu cosmopolitismo? A de Queiroga, Sinval Medina e Bittencourt Martins com o fato de se confrontarem com o modo através do qual contamos nossa história, adotando um jeito diferente?

Arremate final? Há dois anos a revista *Aplauso* convidou dez críticos a elegeram os cinco maiores escritores gaúchos de todos os tempos. Entre eles havia – não por coincidência – quatro representantes da metade sul do Estado (Simões Lopes Neto, Dyonélio Machado, Mario Quintana e Sergio Faraco). Aquela que, falemos claro, é a única região – ou pelo menos a mais – rigorosamente *gaúcha*, aquela que não precisou se ocupar por tanto tempo no cabo da enxada, que foi a primeira a tornar-se cidadina e cosmopolita e estava mais versada na língua do que as regiões da serra e missões, basicamente imigrantes e ocupadas na forja ou na roça, foi a que deu ao Rio Grande do Sul – até agora,⁷ e não só na área literária – seus maiores artistas.

No fundo parece – e isso é apenas uma inferência ofensiva – que para ser bom de verdade um autor tem de ser do sul mais profundo ou abandonar o sul e seu estabelecimento de vez. Parece que, ou tem de falar da aldeia (com toda sua miséria e sua grandeza, retirado em seu extrato lingüístico, inclusive) como fazem o alegretense Faraco, o jaguareense Schlee e o uruguaianense Tabajara Ruas, ou atuar definitivamente pelas beiradas, deslocando o foco boloroso das influências programáticas estabelecidas para enxergar o mesmo sul de maneira mais isenta e talvez mais profunda, senti-lo doer de saudade e conhecer o que ele de fato tem de bom. A ourela de um tecido é, geralmente, sua parte mais encorpada. No Rio Grande do Sul, quem comer o mingau da literatura pelas beiradas, não haverá de queimar a boca.

(Texto publicado na Revista *Vox XXI*)

apenas pela L&PM, e com uma de suas coleções – **por sinal marcadamente cosmopolita** –, os pockets, que já perfazem quase trezentas obras.

⁶ Sim, é certo que a literatura gaúcha tem – geograficamente falando – fronteiras bem definidas: as do próprio Estado. E que os autores gaúchos falam quase que exclusivamente para os leitores do Rio Grande, salvo algumas honrosas exceções. Entre elas, Luis Fernando Verissimo (colunista nacional e agora editado pela Objetiva), Moacyr Scliar (editado pela Companhia das Letras) e fenômenos sazonais como o Pozenato do quase-oscarizado *O quatrilho* (o próximo será Assis Brasil, com *Videiras de cristal* e a história de Jacobina Maurer) além de Tabajara Ruas, que começa a ser divulgado nacionalmente.

⁷ A “nova classe” vem aí. Certamente é mais do que coincidência o fato de tantos “beiradistas” – e “experimentalistas” – serem do Brasil imigrante, de descendência rural-italiana ou rural-alemã.